



Tibi derelictus est pauper

Carta aos
irmãos
OUTUBRO 2025

Caros irmãos e irmãs escolápios,

Permitam-me começar e começar esta carta com uma lembrança pessoal. Em 2006, eu morava em um subúrbio de Dakar, Sam Sam, onde temos uma comunidade e umas obras muito escolápias. Cheguei durante a estação das chuvas e, para chegar à casa, tinha que atravessar um pequeno lixão. No primeiro dia, atravessei-o escandalizado, pulando de pedra em pedra para não tocar no lixo e evitar o seu fedor que a tudo envolvia. Dois meses depois, eu passava pelo lixão como qualquer outro vizinho, sem pensar nele. Então, aprendi algumas lições: a **invisibilidade da pobreza** — talvez o seu maior problema — ninguém se mobiliza pelo que não vê ou não sabe ver; e a **necessidade de pessoas que nos mantenham acordados**, para não nos acostumarmos a ela, como o homem rico que se cruzava com Lázaro várias vezes, ao dia, sem notá-lo.

Ao longo dos anos, pude constatar como a missão escolápia pode mudar vidas, até mesmo salvá-las. Ou, para ser mais pessoal, tive a sorte de testemunhar como muitos escolápios, irmãos e irmãs, foram fundamentais para que **muitas pessoas alcançassem uma vida mais digna**, pessoas cujos rostos e nomes conheço.

Por que falar de pobreza agora?

Porque é um tema que nunca se esgota e, por isso, devemos revisitá-lo regularmente em nossas comunidades, obras e Províncias; **interpelar-nos** sem medo de nossas próprias contradições e sempre **encorajar-nos** uns aos outros.

Outubro nos convida a olhar para **Maria**; a lembrar **São Francisco de Assis**, modelo de pobreza evangélica, com sua radicalidade, incompreensões e perseguições; a nos preparar para o Dia Mundial dos Pobres¹, instituído pelo Papa Francisco; a nos alinhar à tão esperada primeira exortação apostólica do **Papa Leão XIV, Dilexi te**², sobre o amor aos pobres; e informar-nos sobre a situação atual da pobreza através do **Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza**, promovido anualmente em 17 de outubro pelas Nações Unidas, cujo tema deste ano se centra nas famílias, para que permaneçam unidas, prosperem e construam o seu próprio futuro³.

Gostaria de focar esse tema em três dimensões: a pobreza evangélica, a pobreza em sentido escolápio e a pobreza daqueles que se encontram encurralados nela.

A beleza da pobreza evangélica

Jesus abre as *Bem-Aventuranças* proclamando: *Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus* (Mt 5,3). Ao longo do Evangelho, a pobreza aparece constantemente: a viúva que dá tudo o que tem, Zaqueu que partilha os seus bens, o jovem rico que resiste, o rico que se mostra indiferente ao pobre Lázaro...

A **pobreza evangélica** não é miséria, nem renúncia forçada, mas uma vida com propósito, coerente com o Evangelho. É viver sem falsas seguranças, **confiando plenamente em Deus** e abrindo-nos aos irmãos. É bela, porque nos liberta, nos humaniza e nos permite amar sem amarras.

Pobres da Mãe de Deus, pobres como a Mãe de Deus

Como sabemos, São José Calasanz nos chamou de pobres da Mãe de Deus⁴, já em 1618⁵, naquela que é provavelmente a primeira menção documentada dessa expressão para os irmãos, em uma carta onde ele a inclui em sua assinatura. Em outra carta de 1620⁶, ele não apenas usa essa expressão, mas também explica seu significado teológico e espiritual: *Lembrem-se de que somos pobres da Mãe de Deus e não dos homens, para que nossa importunação seja com Nossa Mãe e não com os homens, pois ela nunca se cansa de nossas importunações, mas os homens sim*.

1.- Compartilho com vocês a compilação das oito mensagens que o Papa Francisco nos dirigiu por ocasião do Dia Mundial dos Pobres, que ele mesmo instituiu no 33º domingo. Convido vocês a lê-las: <https://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/poveri.html> 2 - 1 Cor 13,13.

2. - A Exortação Apostólica “Eu vos amei” terá como tema o amor pelos pobres, segundo a imprensa vaticana.
3; - <https://www.un.org/es/observances/day-for-eradicating-poverty>

4. - Em 4 de abril, e assinado como Vice-Prefeito dos Pobres da Mãe de Deus. Opera Omnia, vol. 1, p. 54.

Calasanz entendia que nossa pobreza deveria ser **uma confiança absoluta na providência divina por meio de Maria**, não uma dependência da caridade humana.

Portanto, podemos também dizer que **somos chamados a ser pobres como a Mãe de Deus**.

Maria foi uma das anawim de Israel (os pobres do Senhor). Os pequenos que não têm outra riqueza senão a confiança em Deus. No seu Magnificat, ela proclama a grandeza de um Deus que derruba os poderosos dos seus tronos e exalta os humildes.

A sua pobreza não era miséria, mas **plenitude na fé e no seu seguimento**. Ser **pobres de Maria** significa pertencer a Ela; ser **pobres como Maria** significa imitar a sua confiança e a sua entrega total. Ela é o modelo de quem não se apegava a nada, para que Deus seja tudo.

Tibi derelictus est pauper

Os pobres foram confiados a ti: que bela vocação

Que bela vocação é a nossa: os pobres abandonam-se nas mãos de Deus, mas também, misteriosamente, nas nossas. **É a nós (a cada um de nós) que a sua frágil vida é confiada**. Esse tibi do salmo é direto, impertinente e inescapável. Aponta-nos pelo nome. Não podemos desviar o olhar. A confiança do pobre em Deus torna-se uma missão colocada em nossas mãos: **estar onde o Senhor ouve o clamor dos pobres**, compartilhar seu destino e sustentar com eles a esperança que abre um caminho em meio à fragilidade.

A pobreza não é uma estatística, nem uma causa. **Ela tem um rosto, um olhar e um nome**, e nossa vocação escolápia consiste em acolher com ternura, inteligência e compromisso essa vida que nos foi confiada. Porque em cada pobre que nos é confiada, Deus nos confia algo de si mesmo.

Nossa missão entre os pobres

As Escolas Pias nasceram do encontro de Calasanz com as crianças pobres. Ele não quis aceitar a pobreza como destino, mas sim **transformá-la por meio da educação**. Portanto, nossa missão não é falar sobre os pobres, mas **sim reduzir efetivamente a pobreza no mundo**.

Isso requer três atitudes:

1. Sentir a pobreza

Desde que a palavra pobreza entrou no meu vocabulário, nunca parei de me interrogar sobre seu mistério. Não se trata apenas de compreendê-la ou analisá-la, mas de senti-la, de

5. - Em 19 de outubro, ele dirigiu uma carta ao Comendador Irmão em Cristo João Pedro de Nossa Senhora dos Anjos, Pobres da Mãe de Deus, em Frascati. Opera Omnia, vol. 1, pág. 63.

6. - 23 de dezembro. Opera Omnia, vol. 1, pág. 105.

deixar que ela nos toque, nos interrogue e nos machuque.

Precisamos de **ptôchógogos**⁷, pessoas que nos conduzam aos pobres, que nos despertem da nossa letargia e nos restaurem a capacidade de olhar com compaixão. São eles que nos ajudam a desenvolver uma sensibilidade que não se adormece diante do sofrimento nem se acostuma à injustiça.

Convido vocês, leitores desta Salutatio, a fazer uma pausa para recordar com gratidão aquelas pessoas (talvez alguns escolápios) que nos abriram os olhos e os corações. Compartilhemos também as leituras e os testemunhos que nos acompanharam nessa caminhada; entre os meus, um dos primeiros foi o de Majid Rahnema, *Quand la misère chasse la pauvreté*⁸. **Terei o maior prazer em conhecer também** os seus testemunhos, os nomes, as experiências ou as leituras que os ajudaram a olhar para a pobreza com maior profundidade e esperança.

2. Conhecer a pobreza

Não basta vivenciá-la; é preciso compreendê-la em toda a sua complexidade, nas suas causas multifatoriais: econômicas, sociais, culturais, políticas, educacionais e até espirituais. **Se não as compreendermos, corremos o risco de agir de forma assistencialista ou superficial**, aliviando os sintomas sem tocar nas raízes.

Mas, compreender a pobreza não é apenas uma questão de ideias, mas de **ubiquação interior**. Como costume dizer, **temos a cabeça onde temos os pés**: se os nossos pés estiverem longe dos pobres, a nossa compreensão também estará. O desafio não é apenas pensar ou estudar, mas pensar a partir do lugar certo. Os ambientes moldam a nossa perspectiva; e, se o nosso ambiente for confortável e estável, podemos involuntariamente tornar-nos burgueses, justificando até a nossa distância.

3. Viver desde onde os pobres estão

Só a partir da realidade dos pobres é que a nossa missão se torna credível. Não basta trabalhar para eles, ou mesmo com eles; precisamos também trabalhar **a partir deles**. Ou seja, a partir da sua forma de compreender a vida e a resistência. Esse ‘a partir’ reposiciona-nos não como benfeitores, mas como irmãos e irmãs.

Trabalhar para, com e a partir dos pobres reposiciona a nossa identidade. Não somos simples prestadores de serviços, nem funcionários de instituições educativas ou

sociais; somos **religiosos e leigos movidos por uma vocação**, que dão a vida sem olhar para trás.

Não se trata apenas de um compromisso social, mas **de uma experiência espiritual**: quando te aproximas de um pobre, é Jesus que se aproxima a ti⁹. Quem recebe a maior graça da esmola é quem a dá, porque se deixa ver pelos olhos do Senhor. E, nessa proximidade, acontece algo decisivo: quem recebe a maior graça não é quem dá, mas quem se deixa ver pelos olhos do Senhor através do pobre.

Um olhar social e samaritano

Quando não podemos mudar estruturalmente a realidade, devido ao contexto ou à história, somos chamados pelo menos a ter o **olhar social e samaritano**, a viver com a consciência da injustiça e o desejo de a reparar. Recordemos a parábola do Bom Samaritano: se não podemos cuidar diretamente dos feridos, devemos pelo menos confiá-los a um hospedeiro¹⁰ que nos ajude a fazê-lo. Nossas alianças, redes e projetos sociais são os donos de hospedarias que nos permitem continuar cuidando da vida dos descartados.

Penso também em **Dom Antonio Brandini**, pároco de Santa Doroteia em 1597. Seu desejo de ajudar o levou a abrir alguns prédios simples ao lado da igreja paroquial, onde alguns professores ensinavam as crianças da vizinhança. Mas, foi a chegada de São José Calasanz que transformou essa boa intenção em uma obra duradoura. Com sua engenhosidade e paixão, ele deu estrutura e visão ao que viria a se tornar a primeira escola popular gratuita da Europa. Esse episódio nos lembra que, às vezes, somos chamados a ser como Brandini, pessoas que oferecem o que têm — espaço, tempo ou confiança — para que outros possam moldar projetos que mudem a vida dos jovens. A missão escolápia também nasce assim, **da humilde colaboração entre aqueles que sonham e aqueles que tornam o sonho possível**.

Uma fidelidade que se revisita

Quero parabenizar os muitos religiosos e leigos escolápios que, com sua dedicação diária, oferecem oportunidades reais de vida e esperança. Muitos desconhecem o bem que fazem; outros sofrem e se esgotam diante da complexidade dos ambientes onde trabalham. A todos eles, minha gratidão e minhas orações.

Mas, precisamos também de **questionamento constante**. Não de desconfiança de quem somos, mas **de uma atitude humilde de discernimento**. As presenças escolápias e as Demarcações devem

7. - πτωχός + γωγός pobre, na história de Lázaro (Lc 16,20), e para liderar ou guiar.

8. - Rahnema, Majid *Quand la misère chasse la pauvreté* (Quando a miséria afasta a pobreza), Essai. Atos Sud. (2003).

9. - Papa Francisco, Angelus de 27 de outubro de 2024.

10. - Lc 10,35.

se perguntar, com simplicidade e verdade, se continuamos a responder ao carisma de Calasanz, à intuição fundadora que deu origem à nossa missão, ao significado profundo da nossa vocação escolápia.

E, talvez, valha a pena nos deixarmos desafiar por algumas perguntas:

- Estamos realmente onde somos mais necessários?
- As nossas obras continuam a ser uma resposta às crianças e aos jovens que mais precisam de oportunidades?
- Mantemos viva a paixão educativa e evangelizadora que nos colocou no nosso caminho?
- O nosso modo de vida ainda expressa a sobriedade e a esperança dos pobres do Evangelho?

Que o Senhor, por intercessão de Maria,
nos conceda a graça de viver **pobres da Mãe de Deus**,
e **pobres como a Mãe de Deus**,
para que a nossa vida e as nossas obras
sejam uma boa notícia para os pequenos.

Com afeto fraterno,

Pe. Carles, Sch.P.
Superior Geral